

CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DE BOUDICA COMO INSTRUMENTO RETÓRICO NOS LIVROS NERONIANOS DOS *ANAIS* DE TÁCITO¹

Felipe da Silva Andrade²

Resumo: O presente artigo analisa a representação de Boudica nos chamados “livros neronianos” dos *Anais* de Tácito, buscando compreender de que maneira a figura da rainha celta é mobilizada pelo autor para sustentar uma crítica moral e política ao principado de Nero (54-68 EC). A revolta liderada por Boudica, ocorrida na província da Britânia entre 60 e 61 EC, é apresentada por Tácito não apenas como um episódio de resistência local contra o domínio romano, mas também como resultado direto da má administração imperial e dos abusos cometidos por autoridades romanas na região, especialmente no contexto da expansão e consolidação do domínio romano na ilha. Nesse sentido, o historiador enfatiza práticas como a exploração econômica, a violência contra as elites locais e o desrespeito às estruturas políticas indígenas, fatores que teriam contribuído para o desencadeamento da insurreição. Ao narrar esses acontecimentos, Tácito constrói uma interpretação que ultrapassa a simples descrição dos eventos militares, utilizando o episódio como um recurso narrativo para evidenciar problemas mais amplos do governo neroniano. A revolta, portanto, adquire um significado que vai além do contexto provincial, funcionando como um exemplo das consequências da corrupção administrativa, da perda das virtudes tradicionais de Roma e do enfraquecimento do ideal de governo justo, elementos que, na perspectiva tacitiana, caracterizariam a decadência moral e política associada ao principado de Nero.

Palavras-chave: Boudica. Nero. Tácito. *Anais*.

CONSIDERATIONS ON THE USE OF BOUDICA AS RHETORICAL INSTRUMENT IN THE NERONIAN BOOKS OF TACITUS *ANNALS*

Abstract: This article analyzes the representation of Boudica in the so-called “Neronian books” of Tacitus’ *Annals*, seeking to understand how the figure of the Celtic queen is mobilized by the author to support a moral and political critique of the principate of Nero (54-68 CE). The revolt led by Boudica, which took place in the province of Britannia between 60 and 61 CE, is presented by Tacitus not only as an episode of local resistance against Roman rule, but also as a direct result of imperial mismanagement and of the abuses committed by Roman authorities in the region, especially within the broader context of the expansion and consolidation of Roman domination on the island. In this sense, the historian emphasizes practices such as

¹ Trabalho fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica.

² Graduando do curso de História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e bolsista PIBIC/CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2246302214026383>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7472-0379>. Email para contato: felipe.silva-andrade@unesp.br

violence against local elites and the disregard for the political structures of the native populations, factors that would have contributed to the outbreak of the insurrection. By narrating these events, Tacitus constructs an interpretation that goes beyond the mere description of military actions, using the episode as a narrative device to highlight broader problems associated with Nero's government. The revolt therefore acquires a meaning that transcends the provincial context, functioning as an example of the consequences of administrative corruption, the loss of Rome's traditional virtues, and the weakening of the ideal of just governance elements that, from Tacitus' perspective, characterize the moral and political decline associated with Nero's principate.

Keywords: Boudica. Nero. Tacitus. *Annals*.

1 Introdução

Muitas mulheres nos são apresentadas ao lermos as obras clássicas, entretanto, algo curioso nesses textos antigos é o fato de sua maioria não³ ter sido escrita por uma mulher. Quando lidamos com o gênero feminino na Antiguidade, esse se torna um dos primeiros impasses, pois as mulheres estão presentes nas fontes históricas tradicionais, mas suas vozes não.

A imagem que nos é exposta de mulheres politicamente importantes no Império Romano abordadas na literatura antiga, como Cartimândua, Valéria Messalina, Agripina Menor e muitos outros exemplos, sempre passam pelo crivo de homens como Tácito, pertencente à uma elite altamente influente e que tinha objetivo morais e políticos em sua narrativa.

Boudica em especial é uma figura singular que aparece em duas obras do historiador: em *Vida de Agricola* e nos *Anais*. Rainha dos icenos⁴, após a morte de seu marido e traição dos romanos, liderou uma grande revolta contra o domínio imperial na ilha da Grã-Bretanha, por volta de 60 a 61 EC.

Boudica foi uma guerreira bretã, da tribo dos Icení, da antiga *Britannia*, atual Inglaterra. Sua tribo se localizava na parte sudeste desse país, a qual é nomeada hoje de East Anglia. Seus atos de coragem, ocorridos em tempos tão longínquos, entoaram uma lembrança da sua imagem que ecoou por diferentes períodos, tanto de forma polêmica, como de glorificação (Bélo, 2014, p. 46).

³ Temos acesso a poucas fontes produzidas por mulheres durante a Antiguidade clássica, no caso exclusivo de Roma, conhecemos os poemas escritos por Sulpícia em meados do século I aEC, as inscrições encontradas na cidade Pompéia que foi destruída durante a erupção do vulcão Vesúvio em 79 EC, as tabuinhas de Vindolanda redigidas em um ambiente militar romano no *limes* da Britânia por volta de 80-130 EC e alguns outros exemplos.

⁴ Os icenos eram uma tribo que habitava o leste da Grã-Bretanha desde a Idade do Ferro até os primeiros anos da dominação romana. Duas revoltas foram realizadas por esta tribo, sendo a primeira em 47 EC, quatro anos após a conquista formal da Bretanha promovida por Cláudio, e a segunda, de maior impacto, em 60-61 EC.

A presença de Boudica nos *Anais* de Tácito não é ocasional; sua isenção íntegra a construção retórica do autor acerca do governo de Nero, o qual ele percebe como caracterizado pela imprudência, decadência moral e incapacidade administrativa, como é percebido no trecho em que o historiador menciona o sentimento de terror político existente nos anos finais da dinastia Júlio-Claudiana (27 aEC - 68 EC) entre a elite senatorial romana (*Anais* XVI, 16) e também no trecho em que Tácito diz sobre as capacidades retóricas de Nero, pois, segundo o historiador, teria sido Sêneca quem escreveu seu primeiro discurso ao Senado.

Mas, assim que passou a elogiar Cláudio pela sua prudência e juízo, ninguém pôde deixar de rir, apesar de que o discurso, sendo obra de Sêneca, havia sido muito bem trabalhado e era digno do gênio brilhante do autor, muito conforme com o gosto do tempo. Contudo os velhos que, pela ociosidade sempre costumam fazer comparações entre as coisas passadas e presentes, notavam esta singular circunstância que, de todos os que tinham sido imperadores, Nero era agora o primeiro que se servia da eloquência dos outros (*Anais* XIII, 3).

2 Tácito: carreira e obras

As fontes sobre a vida Públio Cornélio são limitadas. Dispomos apenas de algumas referências que o próprio autor faz em suas obras, de menções em correspondências trocadas com seu amigo Plínio, o Jovem e de uma inscrição descoberta no século XIX em Mylasa (conhecida atualmente como Milas, cidade localizada no território turco, muito perto das margens do mar Egeu), confirmando que Tácito exerceu o cargo de procônsul da província da Ásia entre os anos de 112 e 113.

Com relação a data exata do seu nascimento, não há consenso, mas sabemos que foi nos primeiros anos da segunda metade do século I EC, por volta de 55 a 58, na região das Gálias.

Numa carta de Plínio, o Jovem (9, 23) insinua-se um leve sotaque provincial que bem podia ser gaulês (*Gallia Cisalpina, Narbonensis*), o que poderia indicar que seus ancestrais paternos receberam a cidadania romana em meados do primeiro século a.C., por meio do patronato de um romano da família dos Cornélii (Funari; Garraffoni, 2016, p. 90).

Tácito casou-se ainda jovem com Júlia Agrícola, filha do General Cneu Júlio Agrícola, a quem dedicou uma de suas primeiras obras, em reconhecimento à trajetória do sogro. Iniciou também cedo a vida pública, ingressando na ordem senatorial provavelmente como tribuno militar. Entre os anos de 81 ou 82, durante o governo de Tito ou o início do de Domiciano, antes de completar seus 25 anos, exerceu o cargo de *quaestor* e em 84 ou 85 se tornou *tribunus plebis*.

Em 88, Tácito foi nomeado *praetor* e, após esse período, dedicou-se à administração provincial entre os anos de 89 a 93. Em 97, de volta a Roma e sob o principado de Nerva (96-98 EC), foi designado *consul* e incumbido de proferir a oração fúnebre de Lúcio Vergínio Rufo, senador e comandante militar que desempenhou um papel importante durante o Ano dos Quatro Imperadores⁵, em 69.

Foi durante o exercício de seu consulado que Tácito redigiu sua primeira obra conhecida, *Vida de Agrícola (De Vita Iulii Agricolae)*. Nela, o autor apresenta uma biografia de seu sogro e uma breve descrição etnográfica da Britânia e de seus habitantes, região onde ele atuou no início de sua carreira pública e da qual Agrícola foi governador. Mas, além dessa construção elogiosa destinada aos feitos e à moral de seu sogro, a obra também pode ser compreendida como uma manifestação política, produzida em um contexto de disputas aristocráticas por honra (Joly; Favarsani, 2013, p. 145).

Desse modo, o que a obra de Tácito procura mostrar é que não havia simplesmente um tirano que oprimia a aristocracia e que a ascensão de Trajano veio trazer uma nova época de liberdade. O quadro é mais complexo. Sob os tiranos a aristocracia se divide e adota posturas diversas - e predominantemente deletérias. Sob um príncipe como Trajano, esta elite ainda se manterá dividida e, se não havia mais o que temer da parte deste, as ameaças vindas da aristocracia permaneciam intactas (Joly; Favarsani, 2013, p. 143).

Em seguida, no ano 98, Tácito publicou *Germânia (De Origine et situ Germanorum)*, obra dedicada à descrição dos costumes dos povos germânicos e da geografia dos territórios por eles ocupados. O texto é tradicionalmente dividido em quatro partes: (1) descrição da localização geográfica da Germânia, de seus deuses e recursos naturais; (2 e 3) análise da vida pública e privada dos povos germânicos; e (4) exposição das diferenças existentes entre os diversos grupos que compunham essa região.

O texto além de refletir o interesse de Tácito pelos povos germânicos, tema que aparece em outras de suas obras, evidencia sua proximidade com o imperador Trajano, que havia atuado militarmente na região do Reno entre 89-90 (Funari; Garraffoni, 2016, p. 92). A narrativa etnográfica da *Germânia* também tem como propósito construir uma antítese entre esses povos frequentemente

⁵ O Ano dos Quatro Imperadores foi um breve momento de crise e guerra civil no Império Romano que surgiu após a morte de Nero, tendo quatro homens (Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano), cada um com o apoio significativo de partes do exército romano, se autoproclamados imperadores romanos, mas ao final da crise, apenas um (Vespasiano), conseguiu afirmar sua autoridade, superando os outros três e dando início à dinastia Fláviana (69-96 EC).

considerados bárbaros e a sociedade romana, narrando indiretamente, por contraste, a decadência moral e política da Roma imperial (Joly, 2004, p. 41).

Diálogo dos Oradores (*Dialogus de Oratoribus*), obra cuja autoria não é plenamente confirmada como sendo de Tácito, provavelmente foi composta entre os anos 102 e 107. Estruturada como um diálogo literário no estilo ciceroniano - à semelhança do *De Oratore* - discute o declínio da oratória no Império Romano em comparação com o período republicano. Por meio de interlocutores como Curitário Maternus, Vipstano Messala, Júlio Secundus e Marco Aper, assuntos como a educação, a política e a liberdade de expressão sob o Império são abordados, relacionando a perda da eloquência, às mudanças nos primeiros anos do período imperial romano e à diminuição dos espaços de debate público, tema que dialoga diretamente com as demais obras de Tácito.

Embora tenha iniciado a vida pública de forma precoce, as obras historiográficas de Tácito só foram escritas tardiamente, quando o autor já tinha alcançado aproximadamente seus 50 anos. A primeira, *Histórias*, feita provavelmente entre 105 a 110, aborda um período mais curto⁶, precisamente os ocorridos em meados de 68 a 69, conhecido como o Ano dos Quatro Imperadores (Galba, Otão, Vitélio e Vespasiano).

[...] as *Histórias* formam, através da disposição geral de sua estrutura narrativa e da caracterização dos imperadores, um movimento bastante denso, visível e crescente de declínio, de decadência física e moral do Império, até a renovação trazida por Vespasiano, pelo menos no que podemos afirmar até o início do livro V (Marques, 2009, p. 85).

Após ter passado um momento afastado da vida política, em 112 ou 113, Tácito recebeu um dos cargos mais prestigiosos entre a classe senatorial, sendo nomeado procônsul da província da Ásia, como é atestado na inscrição localizada em Mylasa mencionada anteriormente. Já entre 118 e 123, nos últimos anos de sua vida e de sua carreira literária, dedicou-se à redação dos *Anais* (*Annales*), sua obra mais extensa, na qual analisou o Principado durante a época dos governantes da dinastia Júlio-Claudiana (27 aEC - 68 EC).

A data exata da morte de Tácito é desconhecida, mas presume-se que ele tenha vivido até o início do principado de Adriano, por volta de 117 (117-138 EC), quando já se encontrava em idade muito avançada e provavelmente distante da carreira pública.

⁶ Tradicionalmente, *Histórias* conta sobre acontecimentos de um período mais amplo, que ia de 69 a 96. Entretanto, apenas os quatro volumes iniciais de seus 12 livros, chegaram até nós de maneira integral junto com boa parte do volume V. Dessa forma, só temos acesso à narrativa feita sobre o Ano dos Quatro Imperadores.

3 Os *Anais*

Os *Anais* foram originalmente compostos em 16 livros, abrangendo o período que vai da morte de Augusto até o fim do reinado de Nero. No entanto, a obra não chegou completa aos nossos dias. Parte significativa se perdeu ao longo dos séculos, restando-nos apenas uma fração do texto original. Atualmente, temos acesso integral aos livros I ao IV e aos livros XII ao XV, além de fragmentos dos livros V, VI, XI e XVI.

Assim como destaca Sarah Azevedo (2012), as partes preservadas dos *Anais* foram transmitidas por meio de dois importantes códices medievais. O primeiro, conhecido como *Mediceus prior*, conserva os quatro livros iniciais de forma completa, além de fragmentos dos livros V e VI. O segundo, denominado *Mediceus alter*, contém os livros XII a XV integralmente, bem como trechos dos livros XI e XVI. Além disso, esse mesmo manuscrito também preserva os quatro primeiros livros das *Histórias* e as partes conhecidas do quinto livro.

Mediceus prior foi encontrado na abadia Cörwy, por volta do final do século XV e foi levado para a Itália. No século XVIII, passou a fazer parte da biblioteca Laurenziana de Florença. *Mediceus alter* foi descoberto por Boccaccio na abadia de Monte Cassino, na segunda metade do século XIV. Mais tarde o manuscrito passou para o convento de São Marcos, em Florença, e como o anterior, foi para a biblioteca Laurenziana (Azevedo, 2012, p. 22).

Os seis livros iniciais dos *Anais* são conhecidos como a “hexa de Tibério” e dedicam-se à narrativa do Império Romano após a morte de Augusto (14 EC), marcando o início da dinastia Júlio-Claudiana sob o principado tiberiano. Nesses volumes, Tácito descreve diversos episódios que caracterizam o período, como as campanhas militares conduzidas por Germânico, o suicídio de Píson, a morte de Livia (Augusta), a conspiração articulada por Sejano, a morte de Agripina Maior e, nos últimos trechos que temos acesso do livro VI, a morte do imperador.

Nestas circunstâncias, Mácron, o único intrépido e senhor da sua reflexão, manda sufocar o velho, deitando-lhe em cima muita roupa, e ordena que todos se retirem. Desta sorte perdeu a vida Tibério aos setenta e oito anos da sua idade (*Anais* VI, 50).

Após esses relatos, há um longo hiato na narrativa, pois não temos nenhum acesso aos livros, nem aos fragmentos que tratam do principado de Calígula (37-41 EC), da ascensão de Cláudio ao poder e dos primeiros seis anos de seu governo, correspondentes aos volumes VII ao X.

O final do livro XI e todo o livro XII tratam dos últimos oito anos do governo claudiano (41-54 EC), destacando episódios como a aproximação da imperatriz Valéria Messalina com Gaio Sílio

e sua posterior execução, a escolha de Agripina Menor como nova esposa do imperador, a adoção de Nero por Cláudio, a nomeação de Burro como chefe da guarda pretoriana e o plano que levou à morte de Cláudio por envenenamento.

Todos estes mistérios de iniquidade se fizeram tão públicos, afinal, que os escritores do tempo referem que o veneno lhe fora sugerido em um delicioso guisado de cogumelos de que ele muito gostava e que ao princípio se não pudera conhecer o seu violento efeito, porque se duvidava se o estado de Cláudio era um simples resultado do seu carácter estúpido ou de casual embriaguez: além disto, uma soltura de ventre, que lhe sobreveio na mesma ocasião, fez crer que poderia escapar. Em consequência disto, já muito assustada Agripina, e não fazendo caso de cair na indignação dos presentes para evitar o futuro, foi aconselhar-se com o médico Xenofonte, a quem já de antemão também tinha preparado. Conta-se que ele, fingindo querer ajudar o vômito de Cláudio, lhe metera na garganta uma pena muito subtilmente envenenada, conhecendo muito bem que o perigo nos grandes crimes só está em começá-los porque, uma vez perpetrados, é certa a recompensa (*Anais XII, 67*).

Do livro XIII ao XVI, conhecidos como “livros neronianos”, são narrados acontecimentos do último principado da dinastia Júlio-Claudiana. Neles, Tácito menciona episódios como a morte de Octávia, o matricídio de Agripina Menor, a conspiração pisoniana e o incêndio de Roma (64 EC).

Esse último em especial, é um evento singular durante o governo de Nero (54-68 EC). Tácito, diferente de outros autores, como Dião Cássio⁷, não relaciona o incêndio com ações diretas do imperador, pois, segundo o historiador, embora Nero não estivesse em Roma durante o ocorrido, retornou para a cidade e tomou medidas de socorro abrindo espaços públicos para as vítimas e diminuindo o preço do pão (*Anais XVI, 39*).

Segui-se logo um grande desastre, o qual se foi casual ou obra da malícia de Nero, ainda hoje não é fato certo, porque uma e outra coisa lemos nas histórias. Foi o fogo, o mais horrórico e o mais devastador de todos quantos nos tempos passados se tinham visto em Roma. O incêndio começou na parte do Circo que está contígua aos montes Palatino e Célio e, dando nas lojas aonde se encontrou bastantes matérias combustíveis, apareceu logo com tal violência, ajudado pelo vento, que tomou todo o espaço do Circo, em que os palácios não tinham pátios em roda nem os templos muros alguns e, enfim, nada havia que o pudesse retardar. Estendendo-se depois com grande ímpeto e, passando ora das planícies às alturas, ora destas aos baixos da cidade, antecipou com a sua incrível rapidez todos os remédios que se lhe poderiam aplicar, porque achava todas as facilidades possíveis dentro de uma capital que, como a antiga Roma, constava de ruas estreitas e de quarteirões muito extensos (*Anais XVI, 38*).

Entretanto, de acordo com Tácito, mesmo não sendo culpado pelo incêndio, para desviar as suspeitas gerais relacionadas ao seu envolvimento, Nero culpou os cristãos pelo ocorrido,

⁷ Em *História Romana* (LXII, 16), Dião Cássio narra que o desejo de Nero era acabar com a principal cidade do Império durante o seu governo e por conta disso, ele teria secretamente enviado homens que fingiam estar bêbados para incendiar vários prédios em diferentes pontos de Roma.

promovendo uma grande perseguição contra esse grupo que, naquele momento, era minoritário e marginalizado.

Assim, Nero, para desviar as suspeitas, procurou achar culpados e castigou, com as penas mais horrorosas, a certos homens que, já dantes odiados por seus crimes, o vulgo chamava cristãos. O autor deste seu nome foi Cristo, que, no governo de Tibério, foi condenado ao último pelo procurador Pôncio Pilatos. A sua pernicioso superstição, que até ali tinha estado reprimida, já tornava de novo a grassar não só por toda a Judéia, origem deste mal, mas até dentro de Roma, aonde todas as atrocidades do universo e tudo quanto há de mais vergonhoso vem enfim acumular-se e sempre acham acolhimento [...] O suplício destes miseráveis foi ainda acompanhado de insultos, porque ou os cobriam com peles de animais ferozes para serem devorados pelos cães, ou foram crucificados, ou os queimaram de noite para servirem como tochas ao público (*Anais* XVI, 44).

Já o relato sobre a morte de Nero (ocorrida em 68 EC), que provavelmente encerrava o livro XVI, não chegou até nós, pois também se perdeu ao longo do tempo, porém, na obra *História Romana*, Dião Cássio narra que a morte do último imperador Júlio-Claudiano foi causada pelo liberto Epafrodito, tendo ele, a mando de Nero, cravado um punhal na garganta do imperador (*História Romana* LXIII, 29), por este motivo a morte de Nero é tida como suicídio.

Os *Anais* consistem em uma importante fonte sobre os primeiros anos do período imperial, porém, mais do que relatar os acontecimentos desse momento na história de Roma, Tácito constrói sua narrativa enfatizando a gradual decadência moral dos seus governantes, o que teria resultado nas guerras civis romanas durante o Ano dos Quatro Imperadores. Sendo esse contexto, um ponto essencial para compreender a função da personagem Boudica dentro da obra.

O esquema Tibério-Cláudio-Nero, apesar de necessariamente falho pela ausência de Calígula, traz, no entanto, claros indícios da evolução do Principado para Tácito. Tibério é cruel, porém ainda eficiente, Cláudio não é essencialmente cruel (até perdoa Messalina, em XI, 37), mas é inepto; já Nero não só é cruel como também é incapaz de governar, absorto em sua devassidão Sabemos que tal estado das coisas, mesmo sem dispormos do relato final dos *Anais*, tem sua consequência inevitável na revolta de Vândice, que por sinal se forma contra as atitudes “infames” de Nero, e na guerra civil retratada nas *Histórias*. (Marques, 2010, p. 54-55).

4 O principado de Nero e a rainha Boudica, segundo Tácito

Tradicionalmente, devido à leitura normativa de algumas fontes antigas, o principado de Nero (54-68 EC) foi interpretado pela historiografia como um período marcado pela tirania e pela degeneração moral, em que a imagem do imperador estava associada à crueldade e à má governança. Obras como *História Romana*, de Guglielmo Ferrero (1947), retratam Nero de forma negativa, apresentando-o como um governante covarde, manipulável e incapaz de administrar o Império. Até

mesmo em partes dos chamados “livros neronianos” de Tácito, é possível identificar elementos que contribuíram para a consolidação dessa visão tradicional, como no trecho em que o autor afirma: “A quem não era conhecida a ferocidade de Nero? Depois de ter assassinado sua mãe e seu irmão, que muito era se manchasse ainda com o sangue de seu aio e seu mestre?” (*Anais XV*, 62).

Entretanto, produções mais recentes, como o livro *“Nero: Bom ou Mau Imperador? Retórica, Política e Sociedade em Tácito”*, de Ygor Klain Belchior (2016) e o livro *“Nero”*, de Edward Champlin (2003), apontam a dificuldade de classificar os imperadores de forma objetiva em categorias como “bons” ou “maus” governantes. No caso de fontes como Tácito, é necessário considerar o exagero de sua escrita, bem como o fato de que suas narrativas foram compostas anos após os acontecimentos descritos, tendo Tácito se apoiado em relatos de contemporâneos de Nero que já o retratavam de maneira hostil.

Além disso, Tácito manteve uma relação próxima com os imperadores da dinastia Flaviana (69-96 EC) e com os primeiros governantes da dinastia Nerva-Antonina (96-192 EC), o que pode ser observado pelos cargos que ocupou por indicação imperial e pela ascensão de seu *cursus honorum* ao longo desses períodos. Essa posição influenciou diretamente a construção de suas obras e na forma como representou os imperadores Júlio-Claudianos, frequentemente retratados como governantes, tiranos, incapazes e moralmente corrompidos. Tal contraste reforça a visão de Tácito sobre o momento de transformação promovido por Vespasiano, após o Ano dos Quatro Imperadores, e, posteriormente, por Trajano, apresentados como símbolos de um novo tempo de estabilidade e prudência no governo romano.

[...] é necessário levar em consideração um certo exagero por parte das fontes na construção da imagem de Nero, principalmente em Tácito, Suetônio e Dião Cássio, pelo fato de que essas fontes terem sido compostas depois da morte de Nero e, portanto, se apropriaram de outras visões que já haviam sido cunhadas, como a de Clúvio Rufo, Fábio Rústico e Plínio, o Velho [...] grande parte da tradição negativa que foi construída sobre Nero foi construída e fomentada pela dinastia posterior, a dos Flávios, fixando a reputação de Nero como um monstro para todas as gerações vindouras (Belchior, 2012, p. 47).

Essa relação existente entre a proximidade do historiador com determinadas dinastias e a forma como ele retrata imperadores de uma outra dinastia não é algo exclusivo de Tácito. Como argumenta Semíramis Corsi Silva (2023), a representação do imperador Heliogábalo (218-222 EC) feita por Dião Cássio em *História Romana* é fortemente relacionada com a relativa perda de prestígio sofrida pelo senador após a ascensão deste novo imperador e consigo ascensão de novas redes de sociabilidade.

Dião Cássio ocupou cargos muito prestigiados e de extrema proximidade com o imperador Sétimo Severo (193-211 EC), mas a partir do governo de Caracala (211-217 EC) e principalmente sob o governo de Heliogábalo (218-222 EC), essa relação estreita com o círculo central da política imperial diminuiu, principalmente em função da elevação do prestígio de outros atores mais próximos destes novos imperadores em detrimento de Dião Cássio, o que justifica a imagem negativa⁸ que nos é exposta de Heliogábalo a partir da obra do historiador.

[...] Dião Cássio esteve fora do entorno imperial durante o governo de Heliogábalo, sofrendo uma espécie de decréscimo em relação à sua proximidade com as altas esferas de poder e influência que volta a ascender com a morte de Heliogábalo, a elevação de Severo Alexandre como imperador e a conquista de outro consulado pelo historiador. Junto com outros elementos, muito possivelmente, isso foi motivo para que ele tenha tecido críticas a alguns homens mais próximos desse imperador e ao próprio governante (Corsi, 2023, p. 349).

Boudica, assim como Nero, não possui uma imagem estável ao longo da historiografia, tendo sido constantemente revisitada e reinterpretada conforme os contextos de cada época. Sua figura passou por diversas transformações, ora exaltada como símbolo de resistência e liberdade, ora retratada de forma mais ambígua ou até negativa.

Durante o século XIX, momento no qual a Inglaterra se afirmava como potência mundial, Boudica foi incorporada na memória coletiva inglesa como símbolo de resistência e patriotismo. Já nos primeiros anos do século XX, sua imagem foi fortemente utilizada por movimentos femininos, especialmente aqueles relacionados às sufragistas. Entretanto, assim como argumenta Taís Pagoto Bélo (2016), ainda há ambiguidade na sua recepção, uma vez que a representação clássica da Boudica enfatiza traços considerados masculinizados na rainha, colocando em xeque a percepção de liderança plenamente feminina.

Os britânicos perceberam, então, seu volume, sua estrutura física, seus movimentos no espaço e sua existência subjetiva, constituindo-se como um patrimônio cultural, pois a heroína está imbricada em identidades sociais e resulta em uma ligação direta com as políticas de Estado nacional e, ainda, levanta questionamentos no quadro da defesa da diversidade (Bélo, 2016, p. 212).

Aquilo que sabemos dela chegou até nós por conta de três fontes literárias, tendo sido duas delas produzidas por Tácito (*Vida de Agrícola e Anais*) e uma por Dião Cássio (*História Romana*)

⁸ Em *História Romana*, Dião Cássio narra que Heliogábalo não gostava de ser chamado de senhor e imperador, mas sim de senhora (*História Romana* LXXX, 13). Além disso, o imperador teria o desejo de substituir seu órgão sexual masculino pelo órgão sexual feminino (*História Romana* LXXX, 16).



e já nessas obras não encontramos uma descrição unânime da rainha e dos seus feitos militares. De qualquer forma, reunindo as informações disponíveis sobre ela nestes textos, percebemos que Boudica foi viúva do rei dos icenos, Prasutagus, povo bretão que apoiava a presença romana na ilha.

Segundo Tácito, após a morte do rei, os romanos desrespeitaram os acordos estabelecidos com os nativos. Prasutagus havia deixado parte de seu reino para as filhas e parte para o imperador, buscando assegurar a estabilidade da região. No entanto, os romanos invadiram o território, saquearam as riquezas, açoitaram a rainha Boudica, estupraram suas duas filhas herdeiras e fizeram os demais integrantes da nobreza se tornarem escravos de Roma.

O rei dos Icenos, Prasutagus, célebre pela sua longa opulência, tinha nomeado por herdeiros o César e as suas duas filhas, assentando que assim poderia salvar de todos os insultos o seu reino e a sua família. Mas enganou-se, porque os centuriões lhe saquearam o reino, e os escravos o palácio, como se fossem verdadeiros conquistadores, principiando por indignamente açoitarem com varas sua mulher, Boudica, e violarem suas filhas. A principal nobreza dos Icenos, como se todo o país estivesse compreendido na herança, foi também despojada dos seus bens particulares, e os mesmos parentes do rei ficaram reduzidos à classe de escravos (*Anais XIV, 31*).

Tais ações promovidas pelos romanos levaram Boudica a liderar uma rebelião contra o domínio imperial entre os anos de 60 e 61, reunindo um grande número de combatentes e conquistando cidades como *Camulodunum*, *Verulamium* e *Londinium*, este último um importante entreposto comercial romano na região (Pinto, 2011, p. 112). Após sucessivas vitórias dos insurgentes, o governador provincial Suetônio Paulino teria conseguido organizar um contra-ataque e, no confronto final, o exército romano saiu vitorioso, derrotando as forças nativas, tendo Boudica, diante da derrota, cometido suicídio, ingerindo veneno⁹, encerrando, assim, sua vida e a revolta (*Anais XIV, 37*).

Não pretendemos discutir a veracidade dos acontecimentos narrados nas fontes que falam de Boudica, pois essa tarefa se mostra complexa, já que, como mencionado, não há constância em sua representação entre os dois autores que trataram de sua figura, nem mesmo entre as duas obras de Tácito que a mencionam. O nosso objetivo é evidenciar a relação entre a forma como a rainha é representada e a narrativa construída pelo historiador sobre o principado de Nero.

Os relatos de Tácito em *Anais* contradizem em partes os feitos em *Vida de Agrícola*. Nos *Anais* ficamos sabendo que os motivos para a revolta dos bretões não foram os

⁹ A morte de Boudica é um tema que aparece de forma diferente nas três fontes mencionadas. Em *Vida de Agrícola* essa parte nem é mencionada. Já nos *Anais*, sua morte é associada ao envenenamento. Entretanto, em *História Romana*, Dião Cássio relaciona sua morte como consequência de uma doença (*História Romana LXII, 12*).

assentamentos dos colonos veteranos ou a deposição de seus reis. De fato, não teria sido uma revolta de toda a ilha, como parece transparecer em *Vida de Agricola*. Tácito também evidencia que os fortes não foram alvo dos ataques nos relatos dos *Anais*, enquanto são em *Agricola* (Pinto, 2011, p. 112).

5 Boudica como instrumento retórico

Antes de entender o uso retórico de Boudica nos “livros neronianos” dos *Anais*, alguns conceitos fundamentais precisam ser compreendidos, como *exempla*, *exemplum*, *seruitus* e *libertas*.

Nos *Anais*, os imperadores são os protagonistas centrais dos eventos narrados, mas sua caracterização depende fortemente da interação com personagens secundários. Estes personagens - senadores, libertos e também as mulheres - cumprem uma função retórica essencial, pois permitem evidenciar vícios, virtudes e desvios morais do governante. Assim, a imagem do “mau imperador” é construída de forma relacional e não de forma isolada.

A narrativa histórica de Tácito não tem como objetivo relatar os fatos, mas produzir juízos morais e políticos, orientando o leitor por meio de exemplos (*exempla*), sendo eles bons ou maus. Dessa forma, um *exemplum* (modelo moral positivo ou negativo) não tem uma função meramente simbólica, mas sim uma grande importância argumentativa e pedagógica na obra, pois é por meio dele que o historiador ensina quais são as condutas que devem ser imitadas e quais devem ser evitadas.

Outro recurso retórico importante presente nos *Anais* de Tácito consistia na metáfora da escravidão, utilizada para expressar a perda de liberdade durante o governo Júlio-Claudiano. A dominação imperial neste período é percebida em termos de sujeição, medo e obediência, aproximando a condição dos cidadãos romanos, especialmente os senadores, à dos escravos e isso é notado logo no primeiro parágrafo do primeiro livro da “hexa de Tibério”.

Porém os sucessos do antigo povo romano que, segundo sua variedade, ora foram prósperos, ora adversos, já grandes escritores têm publicado e para as coisas de Augusto não faltam talentos ilustres, que se coibiram depois que a adulação e a lisonja se insinuaram na corte. Tudo que se escreveu no governo de Tibério, de Cláudio, de Gaio e de Nero é mentiroso em consequência do medo; e o que depois da morte deles se publicou tem o mesmo caráter por estarem os ódios ainda muito recentes (*Anais* I, 1).

Seruitus (escravidão) e *libertas* (liberdade) constituem um par conceitual fundamental para a crítica do principado Júlio-Claudiano e, portanto, constituem a metáfora da escravidão. *Libertas* não significa ausência de governo, mas a possibilidade de participação política, livre expressão e

respeito às hierarquias tradicionais da aristocracia senatorial. Já *seruitus* designa a condição oposta: a submissão política produzida pelo medo e pela adulação.

No caso da sociedade romana, em que a concepção da estrutura doméstica não estava em contradição com as idéias sobre o ordenamento estatal, estabelecia-se uma relação dialética entre política e escravidão. Os conceitos de *seruitus e libertas*, utilizados na representação de práticas políticas eram derivados da maneira pela qual eram concebidas, que permitem pensar a condição servil, não são apenas homônimos daqueles aplicados às esferas doméstica e política, mas essencialmente semelhantes (Joly, 2004, p. 32).

A partir disso, em primeiro lugar, a revolta de Boudica é construída como um *exemplum* nos *Anais*. A rainha celta não é um exemplo de atuação feminina, mas sim um exemplo dos abusos cometidos por agentes imperiais na Britânia, funcionando para evidenciar a corrupção administrativa, incapacidade do governo de Nero em promover a justiça e a ausência de moderação no exercício do poder. Por meio do contraste entre a violência dos romanos e a defesa da honra e liberdade expressa por Boudica, Tácito desloca a barbárie para o interior do Império. Assim, o episódio é construído com um *exemplum* negativo do governo neroniano.

Logo no primeiro parágrafo que trata sobre a revolta de Boudica (*Anais* XIV, 31) somos apresentados aos excessos e injustiças cometidas pelo governo de Nero que expõem esse *exemplum* negativo. Os romanos invadiram injustamente uma tribo que não se colocava, naquele momento, contrária à presença do Império na ilha, açoitaram sua rainha, estupraram as herdeiras e roubaram suas riquezas.

É válido destacar que ao retratar os eventos ocorridos durante a revolta dos icenos, Tácito não questiona a legitimidade romana em dominar povos tidos como bárbaros, mas sim questiona a maneira como essa dominação foi conduzida pelo poder imperial.

Essa percepção é reforçada no trecho em que Tácito apresenta o discurso de Boudica antes da batalha final contra as tropas comandadas por Suetônio. Ao colocar na boca da rainha celta um discurso contra a *seruitus* e em defesa da *libertas*, expondo aspectos que simbolizam um modo de dominação opressiva, Tácito aproxima a experiência dos icenos com aquela vivida pelos próprios romanos sob o Principado (Azevedo, 2016, p. 118).

No seu carro, trazia diante de si Boudica as suas filhas e, ao passo que ia caminhando em frente de cada uma das nações, lhe dizia que decerto não era coisa nova para os Bretões marcharem ao combate comandados por mulheres, porém que agora não vinha como rainha, descendente de avós tão ilustres, reclamar o seu reino e o seu poder: vinha, sim, como qualquer mulher ordinária, vingar a perda da liberdade, as manchas que os açoites tinham deixado no seu corpo e a infame violação de suas filhas, pois que a brutalidade dos Romanos

tinha chegado a tais excessos de torpeza que já para eles todos os insultos eram permitidos, poluindo indistintamente tudo, até a mesma virgindade e a velhice (*Anais XIV*, 35).

A liberdade política dos icenos em oposição à dominação romana não é um tema inserido no discurso atribuído a Boudica por Tácito. A rainha não manifesta o desejo de uma emancipação completa de seu povo; ao contrário, em diversos trechos do relato da insurreição, percebe-se que a questão central está nos métodos de dominação empregados durante o principado de Nero e na incapacidade do imperador em administrar de forma eficaz as províncias imperiais e não na dominação romana propriamente.

Quando o historiador evidencia as diferenças culturais entre romanos e bretões - especialmente na reação de Suetônio após o discurso de Boudica, destacando para suas tropas não terem medo da quantidade de revoltosos, pois do lado dos bárbaros havia mais mulheres do que soldados. - Tácito demonstra que o conflito é apresentado como uma resposta legítima às ações cometidas pelo Império. No entanto, em sua narrativa, ainda sim os romanos detinham a legitimidade de impor sua autoridade sobre os povos considerados bárbaros e inferiores.

Neste lance perigoso, Suetônio, ainda que bem confiado no valor das suas tropas, não deixou todavia de as animar e de lhes fazer estas súplicas: que não fizessem caso dos ridículos e pomposos ameaços dos bárbaros, pois que entre eles se viam mais mulheres do que soldados, os quais, sem armas e desacostumados da guerra, prontamente fugiriam tanto que provassem o esforço e os golpes daqueles que já por tantas vezes os tinham vencido. Ainda quando estavam em campo muitas legiões, só o pequeno número ganhava as batalhas; e, sendo eles agora tão poucos, por isso mesmo deviam querer ficar com a glória reservada aos grandes exércitos. Que se conservassem em coluna cerrada e que, fazendo a primeira descarga das suas armas de arremesso, caíssem logo com os escudos e as espadas sobre o inimigo e o aniquilassem de todo, sem se distraírem com o saque, porque, saindo vencedores, tudo achariam na vitória. Foi tal o entusiasmo que produziram estas palavras do general, e os velhos soldados tomaram um ar tão terrível para arremessar as suas lanças, que Suetônio, já bem seguro que vencia, mandou atacar. (*Anais XIV*, 36).

6 Considerações Finais

A representação de Boudica nos “livros neronianos” dos *Anais* de Tácito evidencia como a sua figura assume um papel retórico na crítica ao governo de Nero. Por meio de sua narrativa e com base na metáfora da escravidão, Tácito utiliza a revolta liderada pela rainha nativa como forma de evidenciar os abusos cometidos pelo poder imperial e a decadência moral durante esses anos do Principado. A rainha não é apresentada como antagonista da dominação romana *per se*, mas como instrumento para criticar a maneira como o poder foi exercido, expondo a incapacidade de Nero em administrar de maneira eficaz o Império, o que legitima, na narrativa, a resistência de Boudica.

Atualmente, temos a compreensão que a dominação romana na ilha da Grã-Bretanha, e também em outras províncias do Império, assim como o contato entre os nativos dos territórios conquistados e os romanos, era muito mais complexa do que a simples oposição direta entre invasores e invadidos. O uso deliberado do conceito de *romanização*¹⁰ para tratar essa relação e a ideia de adoção incondicional da cultura romana por parte desses povos conquistados, assim como Martin Millett argumenta no livro *The Romanization of Britain* (1990), já não são parâmetros plenamente viáveis para tratar deste contato.

O julgamento do classicismo como uma cultura superior à dos povos chamados bárbaros pelos romanos foi característica comum nos estudos histórico-arqueológicos no séc. XIX. O arqueólogo britânico Francis Haverfield defendia em 1912 a superioridade da cultura clássica, procurando retratar o Império Romano como difusor daquela cultura para toda a Europa não latinizada ou helenizada. Para os autores do início do século XX, a integração dos celtas ao Império foi um processo óbvio, pois entendiam que, em última instância, os celtas também descendiam de uma raça comum que gerou gregos e romanos. Faltava-lhes apenas oportunidades de reencontrar seu caminho, fato que se deu com a expansão do Império Romano. Assim, aqueles autores admiravam a missão civilizadora de Roma e viam qualquer europeu como um descendente legítimo daquele Império (Pinto, 2007, p. 221).

Por fim, a presença de Boudica nos *Anais* demonstra como a história e a retórica se entrelaçam na obra de Tácito, permitindo que eventos sejam mobilizados para fins críticos. Sua figura funciona como eixo narrativo para ilustrar falhas políticas e morais “A Boudica encontrada nos *Anais* é a rainha que busca sua legítima vingança, a mãe enfurecida, a nobre que foi humilhada [...]” (Pinto, 2011, p. 116).

Referências

AZEVEDO, S. **História, Retórica e Mulheres no Império Romano**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012.

BELCHIOR, Y. K. **Nero: bom ou mau imperador? Retórica, política e sociedade em Tácito**. Curitiba: Prismas, 2016.

BELCHIOR, Y. K. **Tácito e o principado de Nero**. Dissertação de Mestrado, ICHS, UFOP, Mariana, 2012.

BÉLO, T. P. *A Britannia e suas Mulheres*. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 2, 2017, p. 176-192.

¹⁰ Renata Senna Garraffoni, no capítulo *Bretanha Romana: Repensando os discursos arqueológicos* (2008), expõe que o conceito de *romanização*, em um primeiro momento, transmitia uma ideia de contato entre romanos e nativos bastante linear, teleológica e vinculada com o momento de expansão e conquista de vastos territórios em outros continentes (especialmente no continente africano e asiático) vivido pelo Império Britânico no final do século XIX e no início do século XX.

BÉLO, T. P. As Mulheres Romanas e Bretãs da Britannia. **Revista Heródoto**, v. 2, n. 2, 2017, p. 365-384.

BÉLO, T. P.; FUNARI, P. P. As Romanas e o Poder nos *Anais* de Tácito. **Revista Clássica**, v. 30, n. 2, 2017, p. 75-90.

BÉLO, T. P. Boudica em Mulheres Escondidas pela História. **Revista E. F. e H. da Antiguidade**, n. 28, 2014, p. 45-79.

BÉLO, T. P. Boudica Desbravando o Tempo. **Revista E. F. e H. da Antiguidade**, n. 30, 2016, p. 191-215.

CARDEIRO, D. C. A Imagem do Imperador Nero nos *Anais* de Tácito *In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS*, IX, Maringá. **Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais**, 2020, p. 321-331.

CHAMPLIN, E. **Nero**. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

FAVERSANI, F.; JOLY, F. D. Tácito, sua Vida de Agrícola, e a Competição Aristocrática no Alto Império Romano. **Revista Mnemosine**. Campina Grande, v. 4, n. 1, 2013, p. 133-147.

FINLEY, M. The Silent Women of Rome. *In: MCCLURE, K. Laura (ed.). Sexuality and Gender in the Classical World: readings and sources*. Oxford, Blackwell Publishing, 2002, p. 147-160,

FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. **Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito**. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

GAIA, D. V.; VENTURINI, R. L. B. A Arte de Falar Romana: Algumas considerações sobre a ótica de Tácito. **Iniciação Científica CESUMAR**, v. 8, n. 1, 2006, p. 17-26.

GARRAFFONI, R. S. Bretanha Romana: repensando os discursos arqueológicos. *In: FUNARI, P. P.; SILVA, G. J. da; MARTINS, A. L. (orgs.). História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008, p. 101-114.

JOLY, F. D.; FAVERSANI, F. Os Júlio-Cláudios. *In: BRANDÃO, J. L.; OLIVEIRA, F. História de Roma Antiga: Império e Romanidade Hispânica*. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 79-95.

JOLY, F. D. **Tácito e a Metáfora da Escravidão**. São Paulo: Editora USP, 2004.

MARQUES, J. B. Estruturas Narrativas nos *Anais* de Tácito. **História da Historiografia**, n. 5, 2010, p. 44-57.



MARQUES, J. B. Estruturas Narrativas nas *Histórias* de Tácito. **PHOÏNIX**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2009, p. 76-90.

MILLET, M. **The Romanization of Britain**. New York: Cambridge University Press. 1990.

PINTO, R. **Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco: Gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana**. Tese de Doutorado, IFCH, Unicamp, Campinas, 2011.

PINTO, R. O Impulso de Romanizar. **Revista E. F. e H. da Antiguidade**, n. 23, 2007, p. 219-249

SILVA, S. C. O Historiador e o Imperador: A construção da imagem de Heliogábalo analisada a partir da trajetória de Dião Cássio e de sua visão sobre as redes de sociabilidade imperial. *In*: CARVALHO, M. M.; LEONI, A. M.; JOSÉ, N. F. **Impérios, Imperadores e Redes de Sociabilidade na Antiguidade**. Curitiba. Editora CRV, 2023, p. 333-353.

TÁCITO. *Anais*. Tradução de José Liberato Freire de Carvalho. Lisboa: Edições Colibri, 1º ed., 2022.

Recebido em 01 de novembro de 2025.

Aceito em 06 de março de 2026.

Publicado em 19 de março de 2026.